

## Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br

PROJETO DE PESQUISA COLETIVA

Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

**ANNA BROCKES**

**1852-1940**

(Celeste Ribeiro de Sousa)

2012

### Os cupins e a cascavel\*

**Anna Brockes**

Reinava grande alegria e orgulho no meio do povo dos cupins. Afinal, depois de um longo e penoso trabalho, sua nova casa, espaçosa e firme, estava pronta. Até então eles haviam ocupado velhos troncos podres de árvores ou pequenos ninhos rasos, uma parte cavada na terra, os quais pareciam grandes pólipos, agarrando-se ao solo por meio de tentáculos, com passagens ocultas correndo em todas as direções. Os vários tipos de construções feitas por cupins, que fazem seus ninhos, em parte com barro, em parte com madeira refinadamente mastigada(!), também precisam de cobertura por cima das passagens, que de toda forma é necessária, porque se não os corpinhos brancos e moles destas formigas seriam facilmente vistos e logo virariam todos repasto gostoso para os bicos das aves.

Os pequenos ninhos rasos, porém, tinham uma desvantagem, já que as fortes chuvaradas do verão dissolviam-nos e, muito frequentemente, inundavam-nos, arrasando-os. E os troncos podres das árvores, onde também gostavam de viver, ficavam em brasa no tempo da seca com os grandes incêndios, muitas vezes ardiam completamente, restando somente um montinho de cinzas. Isto tornara-se para os pobres cupinzinhos um grande problema, pois a

---

\* Tradução de Celeste Ribeiro de Sousa. Brockes, Anna. *Termiten und Klapperschlange*. Texto inédito encontrado no Arquivo do Instituto Martius-Staden.

continuar assim todos haveriam de afogar-se ou ficar carbonizados e – só de pensar é medonho – no fim, não sobraria um, unzinho, para contar ao mundo vindouro a história e o trabalho dos pequenos e laboriosos cupins do campo. Isso não podia acontecer!

Depois de muito parlamentarem e quebrarem a cabeça, chegaram finalmente à idéia sagaz de construir casas grandes, aguçadas, apontando para cima, sendo por fora bem lisas, de modo a fazer a chuva escorrer imediatamente.

Sem demora, puseram-se ao trabalho e hoje, por fim, depois de quase um ano, lá estava a casa pronta.

Também já não era sem tempo, pois setembro aproximava-se com as primeiras trovoadas.

Então, os bebezinhos foram arrastados das velhas habitações, enquanto provisões para a época das águas eram providenciadas e, agora, ela podia vir, a chuva, já não lhes faria mal.

De fato, a construção resistiu à chuva; até mesmo às tempestades de setembro a dezembro, assim como aos pesados aguaceiros que se alternam com trovoadas e que se estendem até abril ou maio. – Contudo! Contudo! Novos perigos surgiram para os pobres bichinhos pequeninos: Os tatus com seus braços fortes e os tamanduás com suas garras horrorosas, o nariz comprido e a língua pegajosa, muito mais comprida ainda, podiam pegar de uma só vez centenas de cupins ou mais. Nos discretos ninhos rasos, esses bichos passavam e achavam que não valia a pena o esforço, porque por ali havia ninhos de formigas cortadeiras com fartura.

A nova construção imponente, habitada agora pelos cupins, logo haveria, naturalmente, de atrair sobre si os olhares e a cobiça de vários predadores de formigas. O pequeno tatu-peba foi o primeiro a chegar e a tentar abrir com as unhas duras a construção dos cupins.

Depois de muito esgaravatar, conseguiu-o e logo comeu uma parte dos animaizinhos que, lá dentro, corriam em pânico de um lado para o outro.

Mais tarde, chegou o tamanduá, olhou a construção, a abertura, aumentou-a e também papou uma parte do povo dos cupins. Mas os cupins não perderam o ânimo, eles consertaram o estrago, puseram por toda a parte de fora mais uma camada de cimento, que eles mesmos prepararam, tudo ficou tão sólido que o pequeno tatu nem mais sentiu vontade de se esfalfar com aquilo.

Porém, em seguida, veio o gigante tatu-canastra, que é tão forte, que pode carregar um homem nas costas. Era-lhe fácil dedicar-se ao cupinzeiro. Não só devorou uma enormidade de pobres-diabinhos brancos, como também quase deu cabo da ninhada inteira. Quando deixou a construção, esta parecia a boca larga e funda de um forno.

Por pouco os cupins não esmoreceram. Não podiam pensar em consertar todo o estrago de imediato, pois para isso haveriam de levar meses. Assim, dedicaram-se primeiro a reconstruir a parede externa. Ainda não estava completamente fechada, quando uma cascavel se aproximou. "Eh pá!" pensou ela, ao ver a toca, "isto aqui vai dar-me um belo ninho, lá dentro vou ficar protegida da chuva e do fogo." E já foi se acomodando, e tanto lhe agradou o lugar que dali só saiu, quando sentiu fome. No riacho próximo havia borboletas, moscardos e outros da mesma espécie em profusão, era tudo o que precisava.

Depois de algum tempo o tatu-canastra retornou, pensando: "Tu podes fazer ali um belo jantar sem esforço", enfiou a cabeça lá dentro, mas "tarrrr" fez-se ouvir a serpente, quase que pica o tamanduá.

E melhor não aconteceu, nem ao pequeno tatu, nem ao tamanduá gigante, nem ao tamanduá mirim, a serpente enxotou-os e, assim, os cupins tiveram finalmente sossego, reforçaram outra vez a parede e construíram, então, para a serpente uma linda entrada lisa. Porém, a parede em baixo foi de novo fechada, de forma que, assim, ela tinha um ninho seco e quente e, se porventura um outro

tamanduá ou tatu começasse a esgaravatar, os cupins só precisariam de chocalhar um pouco e os predadores fugiriam dali decepcionados.

Desde então, todos os cupinzeiros são construídos com um ninho espaçoso para a cascavel, com uma ou várias belas entradas lisas, que os próprios cupins nunca utilizam.

Posteriormente, os próprios cupins aprenderam a chocalhar com a serpente e, se eles agora, estando longe de seu ninho, forem ameaçados por um inimigo, só precisam tamborilar os duros narizes marrons sobre uma folha seca que este barulho se iguala ao chocalhar da serpente, de modo que mesmo cães, que dificilmente se deixam enganar, retrocedem assustados.